



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 14 de Julho de 1982

A «concessão» paulina de abstinência entre os cônjuges na dinâmica espiritual da teologia do corpo

1. Durante as nossas precedentes considerações, analisando o capítulo sétimo da primeira carta aos Coríntios, procurámos juntar e compreender os ensinamentos e os conselhos, que São Paulo dá aos destinatários da sua carta sobre as questões relativas ao matrimónio e à continência voluntária (ou seja à abstenção do matrimónio). Afirmando que aquele que escolhe o matrimónio "faz bem" e quem escolhe a virgindade "faz melhor", o Apóstolo faz referência à caducidade do mundo — ou seja a tudo o que é temporal.

É fácil intuir que o motivo da caducidade e da instabilidade do que é temporal, se expresse, neste caso, com muito maior força do que a referência à realidade do "outro mundo". Ainda que o Apóstolo aqui se exprima não sem dificuldade, podemos todavia estar de acordo que na base da interpretação paulina do tema "matrimónio-virgindade" se encontra não tanto a mesma metafísica do ser accidental (portanto passageiro), quanto, de preferência, *a teologia de uma grande expectativa*, de que Paulo foi fervoroso propugnador. Não o "mundo" é o eterno destino do homem, mas o reino de Deus. O homem não pode apegar-se demasiado aos bens que são a medida do mundo perecedouro.

2. Também o matrimónio está ligado com a "cena deste mundo", que passa; e aqui estamos, em certo sentido, muito perto da perspectiva aberta por Cristo no seu enunciando acerca da futura ressurreição (cf. *Mt 22, 23-32; Mc 12, 18-27; Lc 20, 27-40*). Por isso o cristão, segundo o ensinamento de Paulo, deve viver o matrimónio do ponto de vista da sua vocação definitiva. E enquanto o matrimónio está ligado com a cena deste mundo que passa e por isso impõe, *em*

certo sentido, a necessidade de "fechar-se" nesta caducidade — a abstenção do matrimónio, pelo contrário, poder-se-ia dizer livre de tal necessidade. Precisamente por isso, declara o Apóstolo que "faz melhor" aquele que escolhe a continência. Embora a sua argumentação prossiga neste caminho, todavia coloca-se decididamente em primeiro lugar (como já verificámos) sobretudo o problema de "agradar ao Senhor" e de "preocupar-se com as coisas do Senhor".

3. Pode-se admitir que as mesmas razões falam em favor do que o Apóstolo aconselha às mulheres que ficam viúvas: "A mulher casada está ligada ao marido, enquanto este vive. Morto este, fica livre para se casar com quem quiser, contanto que seja no Senhor. Mais feliz será, porém, na minha opinião, se ficar como estava. Julgo que também eu tenho o Espírito de "Deus!" (1 Cor 1, 39-40). Portanto: *permaneça na viuvez de preferência a contrair novo matrimónio.*

4. Mediante isto que descobrimos com uma leitura perspicaz da carta aos Coríntios (especialmente do cap. 7), desvela-se todo o realismo da teologia paulina do corpo. Se o Apóstolo na carta proclama que "o vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vós" (1 Cor 6, 19), ao mesmo tempo está plenamente consciente da debilidade e da pecaminosidade a que o homem está sujeito, exactamente por motivo da concupiscência da carne.

Todavia, tal consciência não lhe apaga de algum modo a realidade do dom de Deus, que é participado tanto por aqueles que se abstêm do matrimónio, como pelos que tomam mulher ou marido. No cap. 7 da primeira carta aos Coríntios encontramos um claro encorajamento à abstenção do matrimónio: a convicção de que "faz melhor" aquele que se decide por ela; não encontramos, todavia, fundamento algum para considerar, aqueles que vivem no matrimónio, como "carnais" e aqueles, pelo contrário, que, por motivos religiosos, escolhem a continência, como "espirituais". Com efeito, num e noutro modo de viver — diríamos hoje: numa e noutra vocação — opera aquele "dom" que recebe cada um de Deus, *isto é a graça, a qual faz que o corpo seja "templo do Espírito Santo"* e tal permanece, *tanto na virgindade (na continência) como também no matrimónio*, se o homem se mantém fiel ao próprio dom e, conformemente ao seu estado, ou seja à sua vocação, não "desonra" este "templo do Espírito Santo", que é o seu corpo.

5. No ensinamento de Paulo, contido sobretudo no cap. 7 da primeira carta aos Coríntios, não encontramos nenhuma premissa para o que mais tarde será chamado "maniqueísmo". "O Apóstolo está plenamente consciente de que — embora a continência pelo reino de Deus se mantenha sempre digna de recomendação — contemporaneamente a graça, isto é, o próprio dom de Deus", ajuda também os esposos naquela convivência, em que (segundo as palavras de Gén 2, 24) eles se encontram tão estreitamente unidos que se tornam "uma só carne". *Esta convivência carnal* está portanto submetida à potência do seu "*próprio dom de Deus*". O Apóstolo escreve sobre ela com o mesmo realismo característico de todo o seu raciocínio no cap. 7 desta carta: "O marido dê à mulher o que lhe é devido, e, da mesma sorte, a mulher também ao marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido; e também, da mesma maneira, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher" vv. 3-4).

6. Pode dizer-se que estas formulações são patente comentário, por parte do Novo Testamento, das palavras há pouco recordadas do livro do Génesis (*Gén 2, 24*). Todavia, as palavras aqui usadas, em particular as expressões "*dever*" e "*não ter poder*", não podem explicar-se abstraindo da justa dimensão da aliança matrimonial, assim como procurámos esclarecer fazendo a análise dos textos do livro do Génesis; procuraremos fazê-lo ainda mais plenamente, quando falarmos da sacramentalidade do matrimónio com base na carta aos Efésios (cf. *Ef 5, 22-33*). A seu tempo, será necessário voltar ainda a estas expressões significativas, que do vocabulário de São Paulo passaram para toda a teologia do matrimónio.

7. Por agora, continuemos a dirigir a atenção para as outras frases do mesmo trecho do cap. 7 da primeira carta aos Coríntios, em que o Apóstolo dirige aos esposos as seguintes palavras: "Não vos recuseis um ao outro, a não ser por consentimento mútuo, a fim de vos entregardes à oração; depois, ajuntai-vos outra vez, para que Satanás não vos tente pela vossa incontidência. Digo isto, porém, como concessão, não como mandamento" (*1 Cor 7, 5-6*). É um texto muito significativo, a que talvez seja necessário fazer ainda referência no contexto das meditações sobre os outros temas.

É muito significativo que o Apóstolo — o qual, em toda a sua argumentação acerca do matrimónio e da continência, faz, como Cristo, clara distinção entre o mandamento e o conselho evangélico — sinta a necessidade de *referir-se também à "concessão"*, como a uma *regra suplementar*, isto sobretudo em *referência aos cônjuges* e à sua recíproca convivência. São Paulo diz claramente que tanto a convivência conjugal, como a voluntária e periódica abstenção dos cônjuges, deve ser fruto deste "dom de Deus" que lhes é "próprio", e que, cooperando conscientemente com ele, os mesmos cônjuges podem manter e reforçar aquele recíproco laço pessoal e ao mesmo tempo aquela dignidade que o facto de ser "templo do Espírito Santo que está neles" (cf. *1 Cor 6, 19*) confere ao corpo de ambos.

8. Parece que a regra paulina de "concessão" indica a necessidade de considerar tudo o que, de qualquer maneira corresponde à subjectividade tão diferenciada do homem e da mulher. Tudo isto que, nesta subjectividade é de natureza não só espiritual mas também psicossomática, toda a riqueza subjectiva do homem, a qual, entre o seu ser espiritual e o corporal, se exprime na sensibilidade específica quer para o homem quer para a mulher — tudo isto deve manter-se *sob o influxo do dom que recebe cada um de Deus, dom que é seu próprio*.

Como se vê, São Paulo no cap. 7 da primeira carta aos Coríntios interpreta o ensinamento de Cristo acerca da continência por amor do Reino dos Céus daquele modo, muito pastoral, que lhe é próprio, não poupando nesta ocasião insistências totalmente pessoais. Interpreta o ensinamento sobre a continência, sobre a virgindade, paralelamente com a doutrina sobre o matrimónio, conservando o realismo próprio de um pastor e, ao mesmo tempo, as proporções que encontramos no Evangelho, nas palavras do próprio Cristo.

9. No enunciado de Paulo pode-se encontrar aquela fundamental estrutura que sustenta a doutrina revelada sobre o homem, o qual também com o seu corpo está destinado à "vida futura". Esta estrutura fundamental está na base de todo o ensinamento evangélico sobre a continência por amor do Reino de Deus (cf. *Mt* 19, 12) — mas contemporaneamente apoia sobre ela também o definitivo (escatológico) cumprimento da doutrina evangélica acerca do matrimónio (cf. *Mt* 22, 30; *Mc* 12, 25; *Lc* 20, 36). Estas duas dimensões da vocação humana não se opõem entre si, mas são complementares. Ambas fornecem plena resposta a uma das basilares perguntas do homem: à pergunta acerca do significado de "ser corpo", isto é acerca do significado da masculinidade e da feminilidade, de estar "no corpo" um homem ou uma mulher.

10. O que aqui ordinariamente definimos como teologia do corpo mostra-se como alguma coisa de verdadeiramente fundamental e constitutiva para toda a *hermenêutica antropológica* — e ao mesmo tempo igualmente fundamental para a ética e para a *teologia do "ethos" humano*. Em cada um destes campos é necessário escutar atentamente não só as palavras de Cristo, em que Ele apela para o "princípio" (*Mt* 19, 4) e para o "coração" como lugar interior e contemporaneamente "histórico" (cf. *Mt* 5, 28) do encontro com a concupiscência da carne — mas devemos escutar atentamente também as palavras, mediante as quais Cristo apelou para a ressurreição a fim de enxertar, no mesmo irrequieto coração do homem, as primeiras sementes da resposta à pergunta acerca do significado de ser "carne" na perspectiva do "outro mundo".

Oração a Nossa Senhora de Jasna Gora /23

Senhora de Jasna Gora!

Há séculos que entraste *na nossa história* e nos ajudas a fazê-la.

Fazer *a história* significa trabalhar de geração em geração em favor da identidade da própria Nação. Na história manifestam-se *a continuidade e a identidade*.

No sexcentésimo aniversário queremos agradecer-Te pelo facto de que no decurso de tantas gerações estivestes presente na nossa história, ajudando-nos a conservar a continuidade e a identidade.

Agradecemos-Te em particular pelos períodos difíceis que não faltaram no passado.

E a contemporaneidade — aquilo que se encerra nos limites da vida das recentes gerações dos Polacos — é assinalada por *uma particular fadiga*.

Basta recordar mais uma vez os seis milhões de vítimas da última guerra: frentes, campos de concentração, cárceres. Tudo isto para defender os fundamentais *direitos da Nação* — os direitos de cada homem.

Ninguém o pode esquecer. Não o podem esquecer os outros: *os distantes e os vizinhos*.

Tu, Senhora de Jasna Góra, recordas a todos que é preciso falar da Polónia, manter o respeito pela Nação, que tem direito a viver a sua própria vida.

Tu, Senhora de Jasna Góra, falas à consciência de todos, dás testemunho dos direitos dos homens e da Nação, porque tu — como Mãe — há séculos que fazes connosco a nossa história.

Saudações

A um grupo de Senhoras brasileiras

Saúdo agora, de um modo especial, um grupo de Senhoras presentes, vindas do Brasil, antigas alunas das Irmãs Doroteias da Frassinetti.

Quisestes vir a Roma e encontrar-vos hoje com o Papa: sede bem-vindas! Desejo-vos que a peregrinação à Cidade Eterna deixe como fruto, em vossos corações, um estímulo a viver a fé que professais, aqui testemunhada, até ao derramamento do sangue, pelos Apóstolos e Mártires, em fidelidade a Cristo. A semente lançada em vossas almas, durante o tempo de formação, é graça, destinada a germinar e desabrochar em -vida e testemunho cristão. "Dai gratuitamente o que gratuitamente recebeste em resposta ao amor de Deus.

A todos que me ouvis, e a quantos vos são queridos, desejo as maiores felicidades e as graças divinas, com a Bênção Apostólica.

Aos peregrinos de língua francesa

Queridos jovens da paróquia de Nieuwkerken, da diocese de Gand. Quero agradecer-vos cordialmente a vossa visita, ainda mais porque tendes o mérito de realizar a vossa peregrinação em bicicleta. Desejo-vos que sempre conserveis o espírito desportivo e eleveis continuamente o vosso gosto pelo esforço e pela resistência ao nível da conquista de valores morais e espirituais indispensáveis para a autêntica construção das vossas personalidades. Para vos ajudar neste caminho, abençoo-vos de modo especial assim como as vossas famílias e as vossas paróquias.

Exprimo também a minha cordial gratidão pela amável visita que me fizeram os 400 participantes no Campeonato Mundial de Esgrima, vindos a Roma de 40 nações. Apreciando o valor educativo

de um desporto que desenvolve a agilidade e a habilidade, o reflexo e o autodomínio, formulo, a este propósito, bons votos para todos e cada um de vós. Desejo também que o vosso encontro internacional se realize numa atmosfera de profunda simpatia humana, certamente benéfica para a convivência fraterna dos povos. Oxalá a vossa permanência nesta cidade especialmente marcada pela história bimilenária do cristianismo, estimule ou desperte no vosso íntimo a dimensão espiritual de toda a vida humana, necessariamente acompanhada pela vontade e a felicidade de servir o mundo de hoje.

A todos os grupos provenientes da França ou dos países de língua francesa, anteriormente anunciados, e a todos os que vieram em núcleos familiares, agradeço de coração a grata visita. Jovens e adultos, sede todos fervorosos discípulos de Cristo e membros activos da sua Igreja! Com prazer vos abençoo.

Aos peregrinos de língua inglesa

Dirijo especiais boas vindas aos visitantes da África do Sul. É meu desejo e esperança que a vossa peregrinação aos túmulos dos Apóstolos vos seja propícia para renovar o vigor e a alegria da vossa vida cristã.

Cordiais saudações vão também para os peregrinos da Coreia que regressam de uma visita a Lourdes. E a todos vós aqui reunidos, provenientes de várias partes do mundo, dirijo uma palavra de amizade, com a minha Bênção e as minhas orações.

Aos peregrinos de língua alemã

Saúdo cordialmente um grupo de estudantes de Sursee na Suíça. Alegro-me com a vossa presença e com a de todos os estudantes aqui reunidos. Durante as férias a vossa escola é a vida: conheceis-vos melhor; conheceis mais profundamente o vosso próximo e comprometeis-vos no encontro com Aquele que está ao vosso lado nos vossos companheiros e nos vossos amigos.

Aos peregrinos de língua espanhola

É-me grato saudar agora todos os peregrinos de língua espanhola presentes nesta Audiência; a todos eles e aos seus Entes queridos abençoo de coração.

Desejo saudar também o grupo de jovens mexicanas de 15 anos. Ao mesmo tempo que vos concedo a minha Bênção, convido-vos a ser sinal de amor e de esperança cristãs entre a juventude da vossa querida Nação.

Aos peregrinos eslovenos

Saúdo cordialmente os peregrinos eslovenos presentes entre nós, vindos a Roma em três grupos: um da Jugoslávia, isto é os fiéis da paróquia de Braslovce (diocese de Maribor) com o seu pároco; e os outros dois da Diocese de Gurk na Caríntia, precisamente os estudantes do ginásio esloveno de Klagenfurt e a juventude católica de Zelezná Kapla (Eisenkappel).

Desejaria que todos, com o seu comportamento e o seu zelo apostólico, testemunhassem Cristo "caminho, verdade e vida" e cada um O irradiasse no próprio ambiente.

Aos estudantes recomendo de modo particular que utilizem cuidadosamente o tempo, destinado à formação cultural e à maturação espiritual, para que no momento de assumirdes responsabilidades na Igreja e na sociedade — quando chegar a altura — não vos encontreis impreparados.

A vós, *Juventude Católica*, gostaria de repetir que o Santo Padre vos ama de modo particular e tem confiança em vós, como vos ama e tem confiança em vós a Santa Igreja, consciente de quais ideais e de quais sacrifícios é capaz esta juventude.

A todos concedo, do íntimo do coração, a Bênção Apostólica, tornando-a extensiva também aos vossos Entes queridos que ficaram em casa, especialmente às crianças e aos doentes.

Aos peregrinos *italianos*

Dirijo uma particular saudação aos jovens; c desejo de modo especial mencionar os Alunos Oficiais da Escola de Aplicação de Turim. Estão também presentes os Alunos dos Seminários Menores de algumas Nações da Europa, hóspedes, nestes dias, do Centro Mariapoli do Movimento dos Focolares. Agradeço a todos a sua presença, que é sinal de fé e de cordial afecto, e, ao desejar-vos a paz e a alegria no Senhor, exorto-vos a amar e seguir sempre sinceramente a Verdade.

A minha palavra de conforto e de participação vai agora para os queridos doentes aqui presentes, na recordação de São Camilo de Lellis, cuja festa litúrgica celebramos hoje. Ao exprimir-vos o meu constante e profundo afecto no Senhor, exorto-vos também a dirigir com frequência e com fervor as vossas orações ao Santo dos enfermos, que, meditando em Jesus sofredor e Bom Samaritano, soube dar uma visão tão luminosa e consoladora do sofrimento nos desígnios da Providência.

Ele vos conceda a paciência e a coragem de viver com amor e confiança a vossa provação! E a minha Bênção vos acompanhe sempre.

Por fim, saúdo ainda com alegria e com simpatia os *jovens Casais*, que vieram em peregrinação aqui a Roma, à Sé de Pedro! Recebestes o "grande Sacramento" do Matrimónio, que realiza de

modo concreto o amor criador de Deus! Sede sempre dignos dele, mediante uma intensa vida espiritual, e orgulhosos de levar para a sociedade moderna o vosso amor fiel, puro, confiante e sereno.

O mundo tem necessidade sobretudo do vosso testemunho.

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana